

O DESENVOLVIMENTO DA REGIAO DE CAXIAS DO SUL

Aurea C. M. Breitbach ¹

Esse texto comenta muito brevemente alguns aspectos da pesquisa referente à tese de doutorado que desenvolvemos². O tema se inscreve no contexto do desenvolvimento regional e seu objetivo é mostrar um caso de desenvolvimento baseado na indústria, que contribui com algumas peculiaridades em relação ao que se encontra correntemente tratado na literatura específica. Dito de outra forma, ao enfatizar as particularidades do desenvolvimento da região de Caxias do Sul, buscamos de um lado salientar a importância de estudos regionais para ampliar os aportes teóricos sobre o tema, sobretudo no Brasil, onde ainda ha muito o que fazer nessa área³. De outro lado, pretendemos alertar para o escasso poder de generalização que têm as abordagens que circulam na literatura referente à economia regional, as quais em grande parte estão à procura de “modelos” de desenvolvimento a serem aplicados a realidades diversas. Nossa intenção é mostrar que isso não é possível, e nem mesmo desejável. No processo de integração econômica que estamos vivendo em nível internacional, as peculiaridades regionais têm-se mostrado muito úteis para proporcionar inserções vantajosas no novo quadro de relações entre os diferentes espaços econômicos. Na verdade, as formas pelas quais as regiões buscam o desenvolvimento são inúmeras e variadas, tornando sem sentido a procura de "modelos" generalizáveis. Ao contrario, parece que as particularidades, em vez de desaparecerem, tendem a ser valorizadas, na medida em que algumas regiões conseguem transformar em vantagens competitivas suas potencialidades locais.

Para a delimitação territorial de nossa região de estudo, partimos da microrregião geográfica de Caxias do Sul, identificada pelo IBGE, formada por 16 municípios. Tendo em vista que a atividade industrial é que caracteriza a região e lhe confere dinamismo, deixamos de considerar 7 pequenos municípios que não apresentam significação industrial. Assim, trabalhamos unicamente com os municípios de Antonio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos e

¹ Economista de FEE, doutoranda em Geografia Econômica pela Universidade de Paris I.

² Esse texto, com algumas alterações, foi publicado nos Anais do XXI Encontro Estadual de Geografia, realizado em Caxias do Sul, em junho/2001, promovido por AGB-PA e UCS.

³ O próprio conceito de região carece de precisão, em nosso meio, podendo expressar escalas territoriais por demais diferentes, dependendo do autor, do tema tratado, ou mesmo da época do trabalho. Basta citar que o estado do Rio Grande do Sul é tomado frequentemente como uma região. Muito comum é a referência a essa

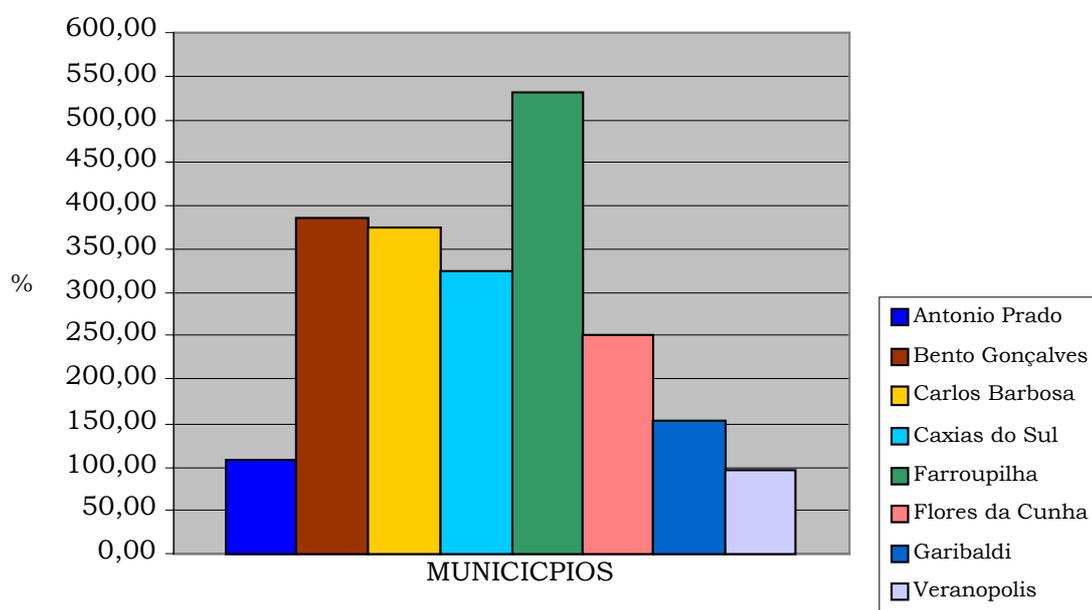
Veranópolis. Esses 9 municípios detém 99,2% do PIB industrial da microrregião do IBGE, bem como 96,6% da sua população total.

1 - Uma região dinâmica : aspectos demográficos e econômicos

O crescimento demográfico dessa região acelerou-se nitidamente a partir da década de 1970. Porém, desde 1940 os dados já demonstram um crescimento importante. Segundo o censo desse ano, a população da região representava 3,8% da população total do estado do Rio Grande do Sul. Em 1999, essa participação já ficou em 6,17%. Isso significa que a população regional aumentou mais intensamente que a população total do estado.

Tomando o processo de urbanização da região a partir de 1960, observa-se que a população urbana cresceu a um ritmo mais acelerado que a população total, testemunhando a expansão da indústria nesses 9 municípios. Assim, a taxa de urbanização⁴ que estava em torno de 50% em 1960, atingiu em 1996 mais de 82%.

TAXA DE CRESCIMENTO DA POPULACAO URBANA DA REGIAO DE CAXIAS DO SUL DE 1960 A 1996



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1960, 1970, 1980, 1991, Sinopse Preliminar 1960 e Contagem Populacional 1996.

Nota : O município de São Marcos não foi considerado porque ele não existia ainda em 1960, início do período considerado aqui.

unidade da Federação, pelos economistas, como sendo uma economia regional (em contraponto à economia nacional).

⁴ Taxa de urbanização = (população urbana/população total) x 100

Os municípios que se urbanizaram mais rapidamente no período 1960-1996 foram, pela ordem, Farroupilha, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa e Caxias do Sul.

Evidentemente que a urbanização encontrou as comunidades locais despreparadas, em termos de infra-estrutura, para absorver o elevado contingente populacional que chegava às cidades em busca de emprego na indústria. Não é surpreendente que a proliferação de subabitações, notadamente nas periferias das cidades, tenha se dado em elevadas proporções.

Embora não seja nosso objetivo analisar as conseqüências desse processo de urbanização descontrolada, pensamos que cabe salientar alguns indicadores da qualidade de vida na região. Como se sabe, a região de Caxias do Sul não é uma região pobre, no seu conjunto, exibindo um PIB *per capita* que esta dentre os mais elevados do estado. A pobreza pode aparecer, entretanto, quando se examina indicadores como habitação, saúde, saneamento, que expressam as carências de serviços básicos à população.

Para dar uma idéia geral, tomamos o ISMA, Índice Social Municipal Ampliado, calculado pela Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul. Esse índice existe para o período 1991-96 e foi calculado com base em 4 grupos de variáveis, a saber : habitação e saneamento, educação, saúde, renda. Variando de 0 a 1, o índice revela que quanto mais próximo da unidade, melhor é a situação do município, e vice-versa.

REGIAO DE CAXIAS DO SUL

ISMA - INDICE SOCIAL MUNICIPAL AMPLIADO

Média anual do periodo 1991-96 segundo os 4 grupos de variaveis

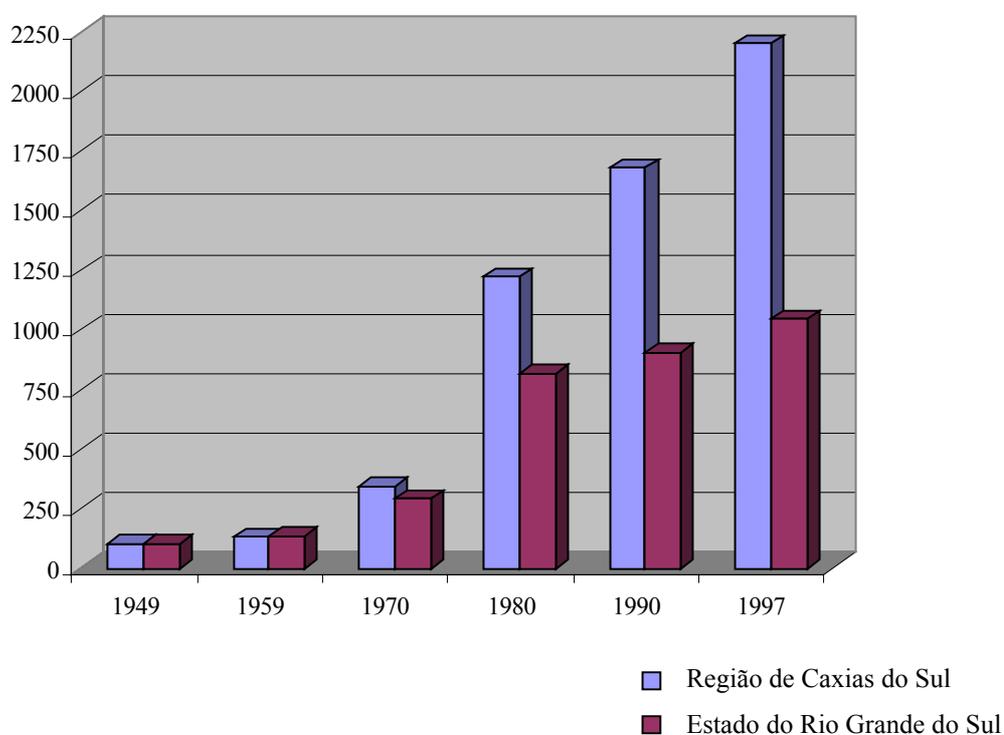
municipios	habitação e saneamento	educação	saude	renda	total
Antônio Prado	0,53	0,65	0,47	0,32	0,49
Bento Gonçalves	0,57	0,7	0,44	0,53	0,56
Carlos Barbosa	0,58	0,78	0,38	0,45	0,55
Caxias do Sul	0,61	0,7	0,33	0,59	0,56
Farroupilha	0,56	0,62	0,38	0,58	0,54
Flores da Cunha	0,57	0,65	0,4	0,49	0,53
Garibaldi	0,56	0,71	0,39	0,44	0,52
São Marcos	0,57	0,64	0,35	0,53	0,52
Veranópolis	0,55	0,69	0,44	0,52	0,55

Fonte : FEE/Nucleo de Indicadores Sociais

Pelo quadro acima, observa-se que o ISMA global da região se encontra praticamente acima de 0,50, no período considerado. Pode-se inferir que os municípios da região encontram-se numa situação média, em termos de qualidade de vida. Isso, entretanto, não nos diz tudo, pois o índice não fornece informações que permitam perceber o grau de desigualdade interna à região. Pode-se observar, entretanto, que as variáveis relativas à educação se apresentam em melhor posição que as demais. Isso pode indicar um certo preparo da população local, no que concerne a seu engajamento no mercado de trabalho industrial, tendo em vista que a educação esta na base da formação e da qualificação da mão-de-obra.

No que concerne ao desempenho econômico, os dados são taxativos : o dinamismo industrial se intensifica a partir de 1970, fazendo da região de Caxias a segunda em importância industrial no Estado, seguindo-se à região metropolitana. O gráfico abaixo ilustra esse crescimento., comparando o crescimento do PIB total da região com o do Estado.

ÍNDICES DO PIB A PREÇOS CONSTANTES



Fonte : Renda Interna Municipal 1939-1980

PIB Municipal do RGS, NCR/FEE (BASE : 1949=100)

No que se refere à atividade industrial, os dados mostram que o produto interno bruto industrial da região, que representava em 1970 10% do PIB industrial do Estado, passou a ser da ordem de 15,4% em 1997. Isso significa que a indústria da região cresceu a ritmo mais acelerado do que a indústria do Rio Grande do Sul.

Os gêneros industriais mais importantes da região, segundo dados da Secretaria da Fazenda,⁵ são : material de transporte, mobiliário, produtos alimentares, metalúrgica, vestuário, calçados e artefatos de tecido, que juntos representam 63% da indústria regional. Salientam-se ainda os gêneros material elétrico e de comunicações, mecânica, bebidas e produtos plásticos, com 23% de representatividade no conjunto da indústria regional.

De uma maneira geral, os dados demográficos e econômicos demonstram o grande dinamismo da região, que tem um crescimento típico de uma economia de base industrial. A expansão populacional das três últimas décadas está intimamente ligada ao dinamismo da atividade industrial, que atrai populações de outras áreas do Rio Grande do Sul, e mesmo de outros estados. Nosso estudo não comporta uma análise das consequências nefastas dessa urbanização acelerada e sem controle, mas não podemos deixar de constatar que o dinamismo industrial vem acompanhado de problemas sociais graves, como os loteamentos irregulares, as carências na área da saúde, da educação, do saneamento.

2 - A diversificação industrial como fator de dinamismo

Esse ponto trata da idéia central que desenvolvemos na tese e que consiste em demonstrar que a diversificação das atividades econômicas - especialmente da indústria - pode significar uma vantagem importante na atual conjuntura mundial, que vem se configurando a partir da abertura dos mercados.

Observa-se que grande parte das abordagens sobre desenvolvimento regional presentes na literatura enfatizam a especialização - muito mais do que a diversificação - como um fator favorável às regiões que buscam uma inserção competitiva nos mercados, tanto nacionais como mundiais.

De fato, há muito tempo, a ciência econômica defende a idéia de que a especialização produtiva permite baixar os custos de produção, melhorando as condições de competitividade. Nos dias de hoje, graças à modernização tecnológica e à difusão da

⁵ Tomamos por base o faturamento das empresas, segundo as Estatísticas Econômico-fiscais da Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, em 1998, último ano disponível.

microeletrônica, intensifica-se a especialização. Entretanto, o que pode ser bom para uma firma, pode não ser o melhor para uma região.

De uma maneira geral, a especialização se tornou a palavra-chave para se obter uma inserção competitiva no mercado mundial. Tornou-se uma "recomendação" para o bom desempenho econômico e, muitas vezes, chega a ser sinônimo de progresso. Todo mundo se diz especializado, é sinal de modernidade...

Como dissemos acima, a especialização esta presente na grande maioria das abordagens sobre desenvolvimento regional na era da globalização. Muitas das experiências relatadas pela literatura internacional repousam sobre economias territoriais especializadas, onde um tipo de produto, ou uma cadeia produtiva, dominam o tecido econômico regional, como é o caso, por exemplo, dos distritos industriais e dos *clusters*.

Ha, entretanto, abordagens menos restritivas no que concerne à especialização como condição para o desenvolvimento regional na atualidade. Contrarrestando a tendência dominante, os estudiosos dos "meios inovadores" não compartilham da idéia que o desenvolvimento regional deve fundar-se sobre a especialização. Autores como AYDALOT e MATTEACCIOLI salientam que as regiões diversificadas estão mais aptas a reagir aos riscos e incertezas que caracterizam a economia globalizada. Segundo eles, uma grande especialização fragilizaria a região, ficando essa à mercê das orientações do mercado internacional⁶.

Nos defendemos a posição segundo a qual a diversificação é um pilar importante para o desenvolvimento regional, principalmente se considerarmos o grau de incertezas e de riscos que reina atualmente no âmbito da economia mundial.

Nosso estudo sobre a região de Caxias do Sul pretende, portanto, mostrar que, ao contrario do que parece ser a tônica das abordagens recentes sobre desenvolvimento regional, a especialização produtiva não é a única via para o sucesso econômico, nem necessariamente a melhor. Porque não considerar a diversificação das atividades econômicas como um elemento favorável ? Não seria mais aconselhável aprimorar uma estrutura econômica diversificada, em lugar de aprofundar uma especialização ? Se pensarmos em termos de médio e longo prazos, seria conveniente buscar-se uma forma de desenvolvimento sustentado, ou seja, uma dinâmica econômica territorializada que tenha

⁶ O exemplo da região do vale do rio dos Sinos, na região metropolitana de Porto Alegre, ilustra bastante bem essa fragilidade. O desenvolvimento dessa região esta baseado na cadeia produtiva coureiro-calçadista, cuja produção de dirige ao mercado internacional, notadamente os Estados Unidos. Em função das mudanças nas condições de competitividade nos mercados mundiais, principalmente devido à concorrência dos países do

condições de se manter no decorrer do tempo, que seja capaz de criar alternativas frente às adversidades do mercado, sem ver suas bases de sustentação ameaçadas. Uma estrutura diversificada e baseada em recursos locais se apresenta, a nosso ver, como uma alternativa a ser reconhecida como válida para fazer face ao comportamento errático dos mercados internacionais. Uma estrutura industrial diversificada tem mais chances de se recuperar de intempéries passageiras, permitindo que os ramos com melhor desempenho assumam o comando, quando alguns passam por dificuldades. Assim, o desemprego em um ramo pode significar absorção de mão-de-obra por outro. Isso sem contar as possibilidades de integração do tecido industrial local, que a diversificação contribui a aprofundar. Dessa forma, é mais provável que o dinamismo global da região seja mantido, mesmo que nem sempre em níveis muito elevados. O importante é que a região diversificada é mais adaptável, mais flexível às mudanças econômicas do que uma região altamente especializada.

Nossa hipótese fundamental é que a região de Caxias do Sul é dinâmica e mantém uma performance industrial considerável porque ela é diversificada. Embora os reflexos da crise econômica dos anos 1980 tenham se feito sentir na região, esta não teve sua trajetória gravemente comprometida em função disso. A maneira pela qual a região consegue resguardar seu dinamismo suscitou a elaboração de nossa pesquisa. Quer dizer, parece haver *algo de diferente* na região de Caxias, que faz com que sua economia cresça, novos ramos sejam criados e se expandam, outros sofram uma reconversão. Isso só pode ser obtido em uma região com um mínimo de diversificação industrial, em que as trocas intra-regionais sejam desenvolvidas.

A diversificação da região de Caxias é um traço de sua formação histórica, não sendo portanto uma característica recente. Esse fato confere um certo grau de solidez à estrutura econômica regional que temos atualmente. Há gêneros industriais tradicionais que se desenvolveram na região - e ao mesmo tempo desenvolveram a região - como a mecânica e a metalúrgica, que alimentam com insumos e bens de capital diversos outros gêneros.

Recuperando a perspectiva histórica, sabe-se que a maioria dos imigrantes italianos que chegaram à região no fim do século XIX era de agricultores. Entretanto, a bibliografia salienta que muitos deles já traziam ofícios que haviam aprendido na Itália. A diversidade de conhecimentos artesanais permitiu, então, que as colônias se desenvolvessem

sudeste asiático, essa região conheceu grave crise durante a década de 1990, com elevados níveis de desemprego e falência de empresas.

rapidamente, apesar da distância da capital e do relativo isolamento inicial, agravado pelas dificuldades de transporte em função do relevo acidentado.

Não apenas ofícios ligados ao cultivo da terra estavam presentes entre os pioneiros, mas registra-se também a atuação de fotógrafos, barbeiros, sapateiros, relojoeiros e tantos outros ofícios de matiz urbano. Estudos apontam inclusive a vinda de imigrantes com alguns recursos, provenientes da venda dos bens que lhes restavam, na Itália. Esse grupo teria dado origem à classe dos comerciantes, que teriam impulsionado fortemente o desenvolvimento das colônias, fazendo a ligação da região com a capital e zonas circunvizinhas.

A diversificação industrial que conhecemos hoje tem, portanto, longínquas raízes, podendo-se dizer que se constitui numa característica estrutural da economia regional. Se observarmos em largos traços a evolução dos ramos industriais ao longo do século XX, perceberemos que houve uma diversificação crescente, caracterizada não apenas pelo fortalecimento de ramos já existentes, mas também pelo surgimento de novos. O ramo de material de transporte - muito importante na região e hegemônico no contexto caxiense - sofreu um grande impulso na década de 1970, com o desenvolvimento da indústria automobilística brasileira, acompanhado de grandes investimentos na infraestrutura de transporte rodoviário. Os efeitos multiplicadores desse ramo industrial se fizeram sentir fortemente na região, tendo-se desenvolvido o que é geralmente chamado "polo metal-mecânico". Mais recentemente, surgiu com grande dinamismo o gênero de produtos plásticos, para citar apenas um dentre os novos.

Em nosso trabalho, privilegiamos a análise da diversificação na indústria, mas convém salientar que a diversificação também esta presente na atividade agrícola da região. Embora com a maior produção de uvas do Brasil, os 9 municípios em estudo não se especializaram nessa cultura, apresentando considerável dinamismo em culturas de subsistência e na produção hortifrutigranjeira para o mercado.

A diversificação industrial pode ser constatada através do quadro seguinte. Elaborado a partir dos dados de faturamento das empresas, fornecidos pela Secretaria da Fazenda, o quadro mostra as participações dos gêneros industriais da região em três pontos da década de 1990.

INDÚSTRIA DA REGIAO DE CAXIAS DO SUL

Participação dos gêneros segundo o faturamento

Gêneros :	1990	1993	1998
minerais não-metálicos	3,0	2,8	3,2
metalúrgica	9,7	9,5	11,3
mecânica	8,2	7,8	9,6
material elétr. comunic.	5,6	3,5	3,8
material de transporte	16,7	19,8	19,4
madeira	1,9	1,2	1,0
mobiliário	9,8	11,2	14,2
papel e papelão	2,4	2,1	2,1
borracha	1,0	0,8	0,5
couros e peles	1,4	1,1	0,9
química	0,6	1,0	0,9
farmacêutica	0,2	0,1	0,1
perfumaria, sabões e velas	0,1	0,1	0,0
produtos plásticos	0,9	2,1	2,9
têxtil	0,9	1,2	1,5
vestuário	5,6	3,4	5,9
calçados *	11,8	8,1	-
produtos alimentares	8,9	10,4	12,0
bebidas	8,1	11,0	6,8
editorial e gráfica	0,5	0,2	0,2
diversos	2,9	2,6	3,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte : Secretaria da Fazenda, Estatísticas econômico-fiscais

* Em 1998, o gênero calçados foi integrado a vestuário.

Tomando o ano de 1998, observa-se que os gêneros mais significativos, do ponto de vista do faturamento, foram material de transporte, mobiliário, produtos alimentares e indústria metalúrgica, todos com participação superior a 10% no total da indústria regional. Cabe salientar, entretanto, o comportamento dinâmico da indústria

mecânica, que obteve ganhos de participação no período. Outro ponto que chama atenção nos dados acima é a *performance* do gênero produtos plásticos, que iniciou a década com menos de 1% de participação, para chegar a quase 3% em 1998.

Embora não seja altamente modernizado tecnologicamente, o gênero de produtos alimentares apresenta uma firme evolução no período considerado, aumentando bastante sua representatividade no cenário regional. Da mesma forma, a indústria de moveis tem tido um excelente desempenho na última década, vindo a representar um dos pilares da indústria da região. O gênero bebidas, por sua vez, apresentou um comportamento oscilatório, sem entretanto deixar de ter um papel importante.

Apesar de rápidas, essas observações permitem mostrar que o dinamismo industrial da região de Caxias não está concentrado em um gênero, nem tampouco numa cadeia produtiva ou num "polo", como pensam alguns. Mas ele está distribuído em diversos gêneros, o que vem a contribuir com o que queremos ressaltar, ou seja, a diversificação como uma característica e ao mesmo tempo como uma condição para o desenvolvimento sustentado dessa região.

3 - As reações da indústria local frente à reestruturação industrial e à abertura dos mercados : comentários

A busca de relações econômicas fora da região sempre foi uma característica do desenvolvimento de Caxias e comunidades vizinhas. Nas primeiras décadas da imigração, alguns comerciantes já teciam relações comerciais com Porto Alegre, vale do Cai, vale do Sinos. Sendo que outros, mais arrojados, aventuravam-se pelos *campos de cima da serra*, indo até mesmo a São Paulo, de onde traziam mercadorias para vender na região.

Assim, durante sua evolução econômica, a procura de novos mercados e o desenvolvimento do comércio andaram de passo com o desenvolvimento industrial da região. Bem anteriormente à criação do Mercosul, empresas locais já cultivavam relações comerciais com os países do Prata.

Sem menosprezar os efeitos da recente abertura da economia brasileira, que certamente teve reflexos na região de Caxias, pode-se dizer que essa não foi de todo surpreendida pelo acontecimento. Certos setores da indústria local já participavam ativamente do mercado internacional, através das exportações, e já estavam portanto habituados a trabalhar com regras de concorrência mais acirrada, onde a qualidade do

produto, a garantia dos prazos, entre outros fatores, são considerados definidores da participação das firmas nesses mercados. Um exemplo interessante, nesse sentido, é o ramo da cutelaria, para citar apenas um.

Cumpramos ressaltar que um dos gêneros que mais sofreu as conseqüências da abertura dos mercados, sobretudo em relação aos produtos vindos do Mercosul, foi o de bebidas. Responsável por 95% da produção brasileira de vinhos, o setor demonstrou que não estava preparado para fazer face à concorrência da produção argentina e chilena notadamente, nem em termos de preço, nem de qualidade. Nos dias que correm, pode-se dizer que a região começa a reverter esse quadro, com um aperfeiçoamento das viníferas e um rigoroso controle de qualidade no processo de produção, o que tem permitido iniciar uma ampliação de mercados.

No conjunto da indústria regional, observa-se que há possibilidades de criação de alternativas e busca de soluções pontuais para os problemas decorrentes do acirramento da competitividade. Nossa pesquisa constatou que a maioria das grandes firmas regionais passou (ou está passando) por um processo de reestruturação. Varias empresas de médio porte se incluem também nessa preocupação.

A reestruturação industrial, na sua essência, constitui-se numa resposta aos desafios colocados pela perda de dinamismo do modelo industrial baseado na produção em massa. Ao nível da firma, a reestruturação baseia-se na inovação tanto tecnológica quanto organizacional, em busca de uma maior flexibilidade.

O que se pode dizer da região de Caxias no que concerne à reestruturação industrial é que ela tem procedido a modernizações sem abandonar totalmente características tradicionais de produção. Segundo HEREDIA e PERUZZO (1998, p.153), "as mudanças tecnológicas ocorreram por meio da introdução de equipamentos microeletrônicos adaptados à tecnologia convencional. Isso significa que houve introdução de novas tecnologias através de máquinas e controles, mantendo-se entretanto a estrutura tradicional do tecido industrial". Muitas vezes, num mesmo chão de fábrica, encontram-se equipamentos automatizados ao lado de outros de base mecânica simples.

Pelo que pudemos apreender das entrevistas efetuadas com diversos empresários da região, a principal preocupação - aquela que norteia todo e qualquer tipo de mudança no interior da firma - é a diminuição de custos de produção. A modernização tecnológica não é uma estratégia em si mesma. Tanto que os investimentos em pesquisa tecnológica e em aperfeiçoamento da mão-de-obra não são tidos como de responsabilidade das empresas,

deixando-se essa iniciativa a outros agentes, como poder público, universidade, centros de pesquisa.

Com o objetivo de reduzir os custos de produção, observamos que as empresas recorrem em grande medida à terceirização, isto é, à contratação de serviços externos, como: segurança, limpeza, informática, manutenção de equipamentos, marketing, alimentação, transporte, despachantes aduaneiros.

Também nos foram relatados procedimentos relacionados ao encurtamento de tempo nas etapas de produção, bem como "encolhimento" do organograma da empresa, com a supressão de cargos e a racionalização das tarefas.

A cooperação interfirmas, como forma de reduzir custos (como por exemplo, através da elaboração de estratégias comuns de penetração no mercado externo), não aparece como um recurso utilizado pelos empresários.

Por outro lado, nossa pesquisa detectou um processo de precarização do trabalho que se enquadra na estratégia de redução de custos em busca da flexibilidade. Segundo líderes sindicais entrevistados, essa precarização do trabalho se consubstancia, por um lado, num aumento do trabalho a domicílio, em que o trabalhador é tido como autônomo, escapando o patrão aos custos sociais correspondentes. Por outro lado, o *turn over*, que consiste na rotatividade da mão-de-obra para manter os salários no seu nível mais baixo, é outro elemento dessa precarização.

Para finalizar sobre a busca da flexibilidade produtiva na região de Caxias, lançamos mão das observações de LEBROGNE e LIPIETZ (1988)⁷ sobre dois tipos de flexibilidade. Esquemáticamente, seria o seguinte :

- a) *flexibilidade defensiva* : visão de curto prazo. Trata-se de uma simples reação às adversidades oriundas do acirramento da concorrência, em que a redução de custos, sobretudo do trabalho, parece ser o objetivo principal. As relações entre subcontratantes e subcontratados são tensas e oportunistas. A modernização tecnológica e organizacional é conservadora e vem acompanhada de retrocesso em termos sociais.
- b) *flexibilidade ofensiva* : visão de longo prazo. Existem vínculos mais densos, de cooperação, entre trabalhadores, firmas e instituições, visando interesses coletivos do sistema local como um todo.

⁷ Em LINS, H. (2000, p.239)

Desnecessário seria dizer que esses dois tipos de flexibilidade representam pontos extremos e servem apenas para orientar a observação empírica. A realidade pode muito bem apontar para situações intermediárias, e mesmo híbridas.

No que concerne à região de Caxias do Sul, pelo que se pode observar durante a década de 1990, sua indústria parece orientar-se por uma flexibilidade do tipo *defensiva*, uma vez que a visão de longo prazo e as práticas cooperativas entre os diversos agentes regionais não estão colocadas em primeiro plano.

As possibilidades de *crescimento econômico* da região de Caxias estão dadas, segundo nosso ponto de vista, pelo caráter diversificado de sua indústria, que mesmo sem uma visão de longo prazo, parece ter o dinamismo suficiente para levar adiante esse processo.⁸

Ao se tratar do *desenvolvimento regional*, entretanto, a questão se coloca em outros moldes. A sustentação de um processo de desenvolvimento regional depende não apenas da performance das empresas locais, mas também, e muito mais, da capacidade que devem ter os agentes locais de empreenderem uma ação coordenada em busca de estratégias comuns. Essa idéia se insere na concepção de desenvolvimento local, amplamente tratada na literatura internacional, que tem se encarregado de trazer à discussão novas formas de inserção das economias locais na “economia-mundo”.

4 – Sobre o desenvolvimento local : nova abordagem para um novo fenômeno

Mas o que há de novo no chamado desenvolvimento local ? O novo está no simples fato de que, a partir dos anos 1980, começaram a surgir novas formas de dinamismo regional onde não se esperava que surgissem. Ou seja, a ciência regional viu-se de uma certa maneira surpreendida pelo desenvolvimento econômico de regiões onde os fatores em jogo não eram aqueles que se identificava, ou se recomendava, como estimuladores do processo. As concepções, então em voga, do desenvolvimento “de cima para baixo”, que dependia de elevados investimentos do poder central, bem como a conhecida “teoria dos polos de crescimento”, são exemplos de abordagens que se tornaram incapazes de explicar

⁸ Além da diversificação industrial, outros fatores estão na origem desse dinamismo, os quais não são tratados aqui. Podemos, entretanto, citar a influência dos salários relativamente inferiores aos encontrados em outras regiões, aliando-se a isso a boa formação da população local, que enseja uma qualificação da mão de obra mais elevada, resultando numa produtividade maior. Outra fonte de dinamismo econômico da indústria regional pode ser identificada na diversidade de mercados consumidores, incluindo o incremento da atividade exportadora.

os casos de desenvolvimento endógeno que começaram a aparecer, notadamente na metade norte do planeta.

O que se entende, então, por desenvolvimento local ? A expressão compreende diversas abordagens, como distritos industriais, sistemas produtivos localizados, meios inovadores. Entretanto, o traço comum entre elas é que se trata de experiências de desenvolvimento baseadas em forças endógenas, onde as instituições e as autoridades locais exercem seu próprio papel econômico, independente do Estado central (ou de outras instâncias que lhes sejam superiores). A economia local busca tirar seu dinamismo de fatores que lhe são próprios, que vêm de seu passado, tem raízes em sua história, em suas condicionantes geofísicas, muitas vezes, mas também em traços culturais e sabedoria técnico-artesanal enraizados naquela unidade sócio-territorial.

Os atores locais (pessoas e instituições) exercem um papel fundamental, num contexto em que a lógica econômica não é sempre dominante. Práticas cooperativas e iniciativas coletivas tem sido apontadas pela literatura como fatores decisivos para fortalecer o tecido social local, trazendo muitas vezes vantagens econômicas que de outra maneira não seriam obtidas. A força do desenvolvimento local vem do conjunto do tecido social, pois ele parte das aptidões humanas filtradas por fatores históricos, sociais e naturais.

Segundo PECQUEUR (1996, p. 19), *"as experiências de desenvolvimento local demonstram a capacidade das coletividades locais de se adaptarem às imposições da internacionalização da concorrência a partir de seu potencial de organização. Verifica-se que ha organizações bem locais que respondem à uniformização dos comportamentos provocada pela mundialização das trocas e que permitem encontrar formas mais eficazes de valorização de riquezas."*

Na visão de SENGENBERGER (1993, p.355), o desenvolvimento local é uma situação onde *"as economias locais podem, graças à melhor utilização de recursos, à melhor colaboração entre empresas, trabalhadores e outros agentes locais, promover vantagens comparativas, em resposta aos imperativos de eficiência e inovação."* Para esse autor, o desenvolvimento local transcende o interesse econômico imediato, na medida em que mobiliza os cidadãos a participarem da vida social, política e cultural da região, auxiliando no fortalecimento da identidade regional.

Sendo as experiências de desenvolvimento local resultado de uma combinação particular de elementos históricos, sociais, econômicos e geográficos, deve-se ressaltar que, no limite, cada caso é único, e conseqüentemente o fenômeno não pode ser

deliberadamente reproduzido em outro local. Fica difícil, portanto, toma-lo como *modelo*, o que entretanto é feito, muitas vezes, na formulação de políticas “vindas de cima” com a intenção de provocar o desenvolvimento numa dada região.

Do conjunto de casos relatados, a literatura ressalta que em muitos deles esteve em jogo algo como "elementos do acaso", ou seja combinações de fatores favoráveis ao desenvolvimento ligadas a situações bem específicas que ocorreram num determinado tempo, num determinado espaço, através de determinados agentes. Constatase um certo grau de espontaneidade baseada nas particularidades de cada caso, especialmente no comportamento dos atores. Evidentemente, esse acaso não pode ser reproduzido através de políticas de desenvolvimento.

Convém salientar, ainda, que o fato de que o desenvolvimento local se baseie na valorização de recursos internos à região, não quer dizer que estejamos em presença de uma *forma autárquica* de desenvolvimento, o que não teria o mínimo sentido, numa economia relacional como a atual. O desenvolvimento local não pode ser pensado como uma experiência fechada, cujo sucesso advenha desse fechamento ou auto-suficiência. Muito ao contrário, se trata de um espaço que *soube estabelecer relações*, que soube utilizar as trocas com o exterior em seu benefício. Essas relações estão portanto sujeitas a certas condições e articuladas com as necessidades da região. As regiões "ganadoras" são justamente aquelas que encontram um modo próprio de integração aos mercados nacionais e internacionais, e não aquelas que se fecham.

Por outro lado, devemos ter em mente que o modo de desenvolvimento local não resolve o problema das *desigualdades inter-regionais*. Ao contrário, na medida em que a mundialização estimula a competição entre os territórios, as desigualdades podem se aprofundar. A par disso, podem se criar desigualdades sociais dentro da região, como por exemplo, através da segmentação e especialização do mercado de trabalho.

Apesar de ser uma experiência que, como vimos, conta com a cooperação entre os agentes como um elemento básico, o desenvolvimento local não está imune às contradições e aos conflitos existentes na sociedade. Porém, a lógica do desenvolvimento local tem uma funcionalidade que se sobrepõe às diferenças e aos conflitos locais, na medida em que os agentes estejam convencidos de que é mais vantajoso atuar em conjunto, mesmo sacrificando parte de seus interesses particulares momentâneos, para obterem um ganho maior, mais adiante.

Embora breves, esses comentários sobre o modo do desenvolvimento local nos levam a pensar sobre o caso da região de Caxias do Sul. Muito temos ainda a elaborar como reflexão e como interpretação a esse respeito.

Como referimos anteriormente, a região tem sem dúvida um dinamismo que lhe permite manter um crescimento econômico relativamente estável, tendo mostrado condições de minimizar os efeitos desestabilizadores provocados pela abertura dos mercados e pelas novas regras de competição internacional. Apesar disso, a região não se caracteriza pelo desenvolvimento de práticas cooperativas entre os diversos agentes, buscando o estreitamento dessas relações visando a uma estratégia comum. O individualismo ainda é o princípio que move os empreendedores locais, em sua maioria, ao mesmo tempo em que as desigualdades intra-regionais se acentuam, notadamente no que concerne à repartição dos resultados desse sólido crescimento econômico. Nesse sentido, ainda há muito o que ser feito a nível regional, pelos agentes locais, em concertação com as escalas estadual e nacional, evidentemente, no sentido de transformar esse crescimento econômico em desenvolvimento local.

Referências bibliográficas

- AYDALOT, Philippe** (1984) - *A la recherche des nouveaux dynamismes spatiaux*, em Crise et Espace, Paris, Economica
- BENKO, Georges e LIPIETZ, Alain**, org. (1992) - *Les régions qui gagnent*, Paris, PUF.
- HEREDIA, Vania e PERUZZO, Juliane** (1998) - *Implicações tecnológicas nos processos de trabalho na indústria caxiense*, Cadernos de Pesquisa, v.6, n.3
- LEBORNE, Danièle e LIPIETZ, Alain** (1988) - *O pos-fordismo e seu espaço*, Espaço e Debates, v.8, n.25, NERU, São Paulo
- LINS, Hoyêdo** (2000 a) - *Clusters industriais, competitividade e desenvolvimento regional: da experiência à necessidade de promoção*, Estudos Econômicos IPE-USP, S.Paulo, v.30, n.2, abril-junho
- LINS, Hoyêdo** (2000 b) – *Reestruturação industrial em Santa Catarina*, Florianópolis, Ed da UFSC.
- MATTEACCIOLI, Andrée** (1995) - *Les facteurs généraux de l'évolution économique contemporaine explicatifs des dynamiques de l'espace géographique*, texto apresentado na Université de Paris I

PECQUEUR, Bernard (1996) – *Dynamiques territoriales et mutations économiques*, Paris, l'Harmattan

SENGENBERGER, W. (1993) – *Développement local et concurrence économiques internationale*, Revue Internationale du Travail, vol. 132, n°3